ESPECIAL

Futuro do Dinheiro

COMO A TECNOLOGIA ESTÁ A REVOLUCIONAR OS PAGAMENTOS

Do papel e do metal, passando por cheques e cartões, até ao QR code e transferências online, o formato do dinheiro tem evoluído de forma contínua nas últimas décadas, sempre com o propósito de oferecer maior facilidade, velocidade e abrangência. A tecnologia abre agora novas possibilidades que prometem transformar para sempre a forma como fazemos pagamentos e transferências.

BANCA
Govcoins são o futuro mas ameaçam negócio da banca ■ P2

ANÁLISE
Uma carteira Bitcoin está à distância de um telemóvel ■ P4

ENTREVISTA
João Baptista Leite
CEO da UNICRE
"Ainda não estou a ver o 'cash' a desaparecer" ■ P6

TEMA
Como serão feitos os pagamentos no futuro? ■ P7

PUB

ifthenpay

Pagamentos Digitais

www.ifthenpay.com

iStock

BANCA

Govcoins são o futuro mas ameaçam negócio da banca

As moedas digitais dos bancos centrais podem trazer mais segurança nos pagamentos, mas também criar um problema de inclusão. E podem colocar em causa a viabilidade do sector financeiro.

RITA ATALAIA
ratalaia@jornaleconomico.pt

Começaram como uma ideia, mas pouco a pouco as moedas digitais oficiais têm vindo a ganhar forma, sendo a sua existência cada vez mais uma realidade. Está a ser desenhado o plano para a sua criação na zona euro, mas também nos EUA, procurando assim responder à crescente procura dos consumidores por pagamentos digitais, mais rápidos e seguros. Mas as chamadas "govcoins" podem levantar problemas de privacidade e de inclusão, além de poderem pôr em causa a viabilidade da banca tradicional.

"A gradual digitalização do dinheiro é uma realidade. Atualmente, algumas pessoas já efetuam a maioria dos pagamentos através do telemóvel", afirma Paulo Rosa, economista sénior do Banco Carregosa, ao Jornal Económico, notando, contudo, que estas transações "são baseadas em moeda crédito, assente no regime de reservas fracionárias bancárias", cujo valor é "garantido por decreto governamental e alicerçado na confiança dos agentes económicos nos balanços dos bancos comerciais", refere. No entanto, com o aparecimento das criptomoedas e a crescente importância que foram ganhando nos últimos anos, acabou por se abrir a porta ao fenómeno das moedas digitais dos bancos centrais.

Foi em julho do ano passado que o Banco Central Europeu (BCE) lançou a fase de investigação do projeto do euro digital, com duração de 24 meses. A perspetiva, segundo afirmou esta semana Fabio Panetta, responsável do BCE, é que seja possível emitir um euro digital em quatro anos.

"Parece haver grande interesse dos bancos centrais em explorar essa tecnologia" para "evitar que sejam ultrapassados por inovações tecnológicas que possam substituir o papel dos bancos centrais no mercado da criação e gestão da moeda. Por outro lado, há a perspetiva de poder tornar a política monetária e a supervisão financeira mais eficientes e com maior grau de controlo", afirma Filipe Garcia. O economista da IMF - Informação de Mercados Financeiros alerta, contudo, que há desvantagens "ao nível da privacidade e da liberdade do indivíduo", uma vez que a "vida financeira passa a ser rastreável e fica registada para sempre". Isto além de poder haver um "problema de inclusão dado que as franjas mais vulneráveis da sociedade e as vítimas de opressão financeira poderiam ter ainda mais dificuldades".

O impacto também se deverá sentir junto da banca tradicional. Analistas do Morgan Stanley calcularam, no ano passado, que um euro digital pode absorver 8% dos depósitos de bancos da zona euro. É "difícil perceber se as moedas digitais futuras passarão a ser suportadas pelos balanços dos bancos centrais, aumentando a concorrência à moeda crédito criada pelos bancos comerciais, ou se o regime monetário das reservas fracionárias manterá a sua hegemonia, cujo principal suporte destas moedas fiduciárias está no balanço dos bancos comerciais", salienta Paulo Rosa, do Carregosa.

O BCE tem garantido que o euro digital não deve ter consequências negativas para o sector financeiro, mas os especialistas ouvidos pelo JE alertam para o impacto na banca

"A existência de dois câmbios paralelos poderá ser uma realidade, sendo mais valorizada a 'govcoin' em detrimento da moeda fiduciária", uma vez que "entre a segurança de um banco central (uma instituição do Estado) e a de um banco comercial, os agentes económicos optam pela autoridade monetária", diz o economista.

"O papel dos bancos num sistema de CBDC [sigla para central bank digital coins] é um dos grandes vetores de discussão porque é o próprio mecanismo de criação de moeda que fica em causa, assim como qual o papel dos bancos", afirma, por outro lado, Filipe Garcia, da IMF. "Do que se pode consultar da informação já veiculada pelo BCE, discute-se se os agentes económicos terão uma conta junto do próprio banco central ou junto de bancos. É um tema que está em discussão, mas que coloca em questão o papel e viabilidade da banca", realça.

O BCE tem afastado a ideia de que o euro digital terá consequências negativas para o sector financeiro, garantindo que esta moeda deverá ser utilizada principalmente como meio de pagamento. Além disso, para o BCE, esta moeda teria vantagem face às criptomoedas, uma vez que "teria o apoio de um banco central e seria concebido para satisfazer as necessidades dos cidadãos, ou seja, estaria isento de risco e respeitaria a privacidade e a proteção de dados", refere o banco central no seu site.

"Se as 'govcoins' pretendem limitar o crescimento das criptomoedas, esse objetivo poderá ser infrutífero porque o público alvo é muitas vezes diferente", diz Paulo Rosa, já que "as criptomoedas são procuradas pelos entusiastas da descentralização, enquanto as CBDC são centralizadas".

Além disso, conclui, as "govcoins necessitam muito provavelmente de uma conta bancária, mas uma parte dos utilizadores de criptomoedas nos países emergentes e de fronteira, desde a América Latina, à África e à Ásia recorrem por vezes às criptomoedas por não terem conta". ■

A transformação da banca e a disrupção nos meios de Pagamento

Miguel Simões
Diretor de Serviços Financeiros
da Minsait em Portugal

QUAIS AS PRINCIPAIS TENDÊNCIAS QUE SE DESTACAM NO XI RELATÓRIO DE TENDÊNCIAS DE MEIOS DE PAGAMENTO DA MINSAIT?

Os dados do estudo da Minsait Payments revelam que os portugueses são os europeus que mais abandonaram o dinheiro físico, sendo que seis em cada dez prefere pagar com cartão. De facto, as conclusões do estudo de 2021 mostram que a pandemia acelerou a prática de pagamentos digitais, com as transações de comércio eletrónico a superarem os 7,4 mil milhões de euros - um valor 20% superior ao do ano anterior. Corroborando isso mesmo, oito em cada dez portugueses revelam-se satisfeitos com as aplicações móveis de pagamento para compras online, cujos utilizadores cresceram de 56,7% para 65,2%. Já o uso de cartões de crédito baixou de 63 para 54,5%, mas, em contrapartida, Portugal é o país europeu avaliado que mais recorre a soluções de crédito sem juros (28%). Contudo, ainda há um longo percurso a fazer, uma vez que em Portugal apenas 27,8% das pessoas utilizam soluções de financiamento de compras parceladas ("Compre agora e pague depois").

COMO É QUE ESTAS TENDÊNCIAS SE REFLETEM NO DESENVOLVIMENTO DA BANCA?

Cada meio de pagamento disponível encontrou o seu próprio espaço num mercado já em si diversificado. A população adulta que utiliza serviços bancários online dispõe de um portefólio heterogéneo de meios de pagamento, que utiliza em função das suas preferências. Podemos ainda não estar numa sociedade completamente cashless, mas a pandemia acelerou sem precedentes a digitalização do setor dos meios de pagamento. Os portugueses habituaram-se a utilizar uma multiplicidade de meios de pagamento – cartões contactless, transferência bancárias, MB WAY, digital wallets, etc. Por outro lado, há claramente um tipo de cliente que quer mais autonomia nas operações e, para isso, os bancos têm de estar preparados para oferecer um serviço personalizado a qualquer hora e em qualquer lugar (digital ou físico). A digitalização ajuda a conhecer melhor esses perfis de cliente e a prestar um serviço diferenciado. Esse avanço requer investimentos na implementação de tecnologias de biometria, assinatura digital, eliminação de papel, mas também de análise de dados e inteligência artificial para dar resposta às necessidades de personalização, avaliação dinâmica de clientes, compliance e combate à fraude digital.

Outro facto inegável é que a entrada de empresas de tecnologia na prestação de serviços financeiros (fintechs e bigtechs) obriga a banca a investir ainda mais em tecnologia, para estar em pé de igualdade com estas novas entidades. Nesse sentido, os principais bancos em Portugal já estão a adotar balcões que funcionam mais como "pontos de encontro" - por exemplo, com cafés no interior – dirigidos a um segmento de clientes que pretende realizar operações bancárias mais sofisticadas e de maior valor acrescentado. Estamos a avançar a passos largos para uma sociedade cashless, mas ainda há muito trabalho a fazer.

O SETOR BANCÁRIO ESTÁ PREPARADO PARA ACOMPANHAR ESTA EVOLUÇÃO PERMANENTE QUE SE TEM VERIFICADO NOS MEIOS DE PAGAMENTO?

Sim. Um dos grandes desafios que se coloca ao setor bancário é o de comunicar com o cliente num mundo mais digital, onde nem todos os clientes têm ampla cultura digital. Efetivamente, os bancos tradicionais começam a dar lugar a novas empresas que atuam na área financeira e de pagamentos, especialmente os neobancos, isto é, bancos totalmente digitais. Desta forma, embora o banco convencional continue a ser a entidade com a qual mais operações se realizam, têm aparecido outros formatos, o que gera um novo paradigma financeiro. No entanto, na hora de estabelecer uma preferência ou identificar o tipo de entidade principal, o banco continua a ser o protagonista, embora a população esteja a começar a trabalhar com essas novas entidades financeiras - em Portugal apenas 7,3% dos indivíduos inquiridos no estudo anual indicam um neobanco como entidade de contacto principal.

PORTUGAL TEM ACOMPANHADO OS DESENVOLVIMENTOS TECNOLÓGICOS QUE SE REFLETEM NOS MERCADOS INTERNACIONAIS?

Os meios de pagamento desenvolvidos pela banca tradicional portuguesa têm vindo a acompanhar as tendências mundiais que passam por acelerar a transição para uma sociedade cashless. Temos assistido ao desenvolvimento de novas tendências que estão a ter um profundo impacto na forma como os consumidores se relacionam com as empresas e também no modo como estes agentes interagem com as instituições financeiras. As empresas que não acompanhem estas mudanças correm o risco de deixar de ser competitivas e as entidades financeiras mais tradicionais que não inovem neste campo arriscam-se a perder relevância e quota de mercado. Aliás, dentro do contexto português, com a pressão das baixas taxas de juro na margem financeira dos bancos e a previsível subida do nível de NPL com o fim das moratórias, o investimento em transformação digital é fundamental para melhorar o modelo de custos e aumentar a rentabilidade do setor financeiro.

QUAL O PAPEL DA MOEDA VIRTUAL NAS TENDÊNCIAS DE MEIOS DE PAGAMENTO?

A moeda digital é, provavelmente, a questão mais disruptiva no setor de pagamentos. Nos últimos tempos temos assistido ao nascimento de novas formas de dinheiro, através de criptomoedas ou de novas moedas digitais dos Bancos Centrais. O ecossistema de pagamentos tem vindo a crescer em tamanho e participantes, reproduziu-se e é muito possível que estejamos às portas de um conjunto de disrupções, muitas delas promovidas pelas autoridades, num cenário mais adaptado às necessidades do século XXI. Uma rede de pagamentos moderna e universal. A metamorfose está prestes a ocorrer (sem dúvida, antes de 2030) no calor de duas grandes inovações atualmente em fase de gestação: as moedas digitais do banco central (CBDC) com o euro digital e a modernização concomitante dos sistemas de pagamento cross-border; facilitadores, talvez, dessa Internet de pagamentos já mencionada.

A MINSAIT É UMA EMPRESA ESPECIALIZADA EM TRANSFORMAÇÃO DIGITAL E CONSULTORIA DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO, COM UMA OFERTA TRANSVERSAL DE SERVIÇOS. QUAIS OS PRINCIPAIS PONTOS DE DIFERENCIAÇÃO DA MINSAIT, NESTE UNIVERSO CADA VEZ MAIS COMPETITIVO?

A transformação digital, impulsionada pelas tecnologias, traz grandes benefícios em termos de capacidade de resposta às novas necessidades dos clientes, aliada a uma redução de custos. A Minsait promove e cria soluções que respondem às necessidades dos clientes com modelos mais sustentáveis, mais seguros e mais eficientes. Nesse sentido, a Minsait Payments propõe um conjunto de produtos e serviços que visam acelerar a transformação das empresas, abrangendo toda a cadeia de valor de meios de pagamento. Esta oferta divide-se em serviços de processamento emissor, serviços de processamento e novas formas de pagamento e inovação. Alguns exemplos desta oferta incluem as wallets dos grandes fabricantes de telemóveis, as super apps asiáticas, o chamado mobile-money nos países emergentes sem infraestruturas de pagamento, pagamentos através de QR Code, biometria ou RFID, através da qual podemos passar por uma portagem sem parar o nosso carro ou depositar todos os artigos num local definido por um espaço comercial e ter os preços detetados instantaneamente. Também podemos iniciar transferências de forma instantânea sem fricção, ou transformar telemóveis em terminais POS.

minsait
An Indra company
com o apoio

ANÁLISE

Uma carteira Bitcoin está à distância de um telemóvel

No mundo há 1700 milhões de pessoas sem conta bancária mas, desse total, mil milhões de pessoas têm telemóvel e podem criar uma conta Bitcoin.

VÍTOR NORINHA
vnorinha@jornaleconomico.pt

O momento atual é de um "cripto crash" mas isso não impede que o futuro das criptomoedas seja analisado a partir da facilidade na criação de uma carteira de Bitcoin ou Ether, exemplifica a corretora de compra e venda de criptomoedas CoinEx, sendo que a moeda digital "é, provavelmente, a questão mais disruptiva no setor de pagamentos", afirma Miguel Simões, diretor de Serviços Financeiros na Minsait Portugal. Adianta em termos históricos que "nos últimos tempos temos assistido ao nascimento de novas formas de dinheiro, através das criptomoedas ou das novas moedas digitais dos bancos centrais. A metamorfose está prestes a ocorrer (sem dúvida, antes de 2030) no calor de duas grandes inovações atualmente em fase de gestação: as moedas digitais do banco central (CBDC) com o euro digital e a modernização concomitante dos sistemas de pagamento cross-border; facilitadores, talvez, de uma Internet de pagamentos. Não obstante, a consideração de que outros meios de pagamento (CBDC e criptomoedas, entre outros outros) sejam os meios de pagamento de uso maioritário em 2030 ainda é residual (ao todo, 3%, segundo dados do XI Relatório de Tendências de Meios de Pagamento da Minsait Payments)". E para se aferir a importância das criptomoedas como meio de pagamento e transação internacional uma informação recente publicada no site BanklessTimes.com revela que a Binance e a crypto.com continuam como as aplicações mais populares na Europa a nível de criptomoedas. Uma outra informação publicada no site stockApps.com indica que os investidores neste tipo de moeda lucraram cerca de 162,7 milhões de milhão de US dólares em 2021, cinco vezes mais em face dos resultados de 2020. E explica Filipe Moura, co-ceo da Ithenpay, que embora se viva um momento de cripto crash, com elevada volatilidade e que "poderá ditar a menor utilização deste tipo de ativos", o futuro será de uma "natural evolução". Regista o mesmo gestor que há problemas a serem resolvidos como seja a necessidade de um consumo de energia elétrica "absurda" para minerar "e que é um gasto anti-ecológico". Também temos o problema da prova da propriedade destas "moedas", além de não haver garantias que uma determinada moeda irá perdurar no tempo".

Carlos Costa Cruz, head of marketing da Askblue, diz que "nos EUA, a geração dos Millennials, atualmente com 26 a 41 anos de idade, tem uma grande apetência por investir em criptoativos e disponibilidade financeira para o fazer. Os criptoativos podem ter vários formatos, como as criptomoedas, NFTs ou stablecoins, menos voláteis que as criptomoedas, através da associação a um cabaz de referência composto por ativos ou moedas". Acrescenta que "se o Metaverso ou algum mercado de criptoativos conseguir massificar estas formas de pagamento, o sistema bancário terá que se adaptar e começar a criar leis e a regular estes mercados". José Carlos Nunes, diretor de Desenvolvimento e Marketing no novobanco sistematiza o momento. Refere que há um "crescente interesse por parte das entidades reguladorese fiscais em supervisionarem e regularem este mercado; a ligação das criptomoedas com o mundo financeiro é estabelecido através de ETFs, possibilitanto uma fonte mais segura de investimento; e há uma aumento crescente pela adoção e aceitação de pagamentos através de criptomoedas por parte de empresas e instituições reconhecidas. Por outro laod, informação desta semana citad apela Lusa refere que a agência de notação financeira Moody's alertou "que a adoção de criptomoedas pode levar à fragmentação excessiva do sistema de pagamentos e enfraquecer a estabilidade financeira, especialmente em países com estruturas macroeconómicas mais frágeis. O serviço de investimentos desta agência garantiu que as criptomoedas estão a ser cada vez mais utilizadas por países com ratings de dívida soberana mais baixos".

As criptomoedas "constituem um fator de avanço civilizacional, na medida em que permitem o desenvolvimento mais rápido da inovação"

Shutterstock

Vantagens e desvantagens

Quando se "trata de pagamentos online e pagamentos internacionais, as criptomoedas apresentam vantagens inegáveis. Além disso, as criptomoedas criaram um mercado financeiro e um ambiente de negociação descentralizado, aberto, gratuito e transparente. Com o tempo, muitos bens do mundo real foram digitalizados e agora são negociados em blockchains. No futuro, as criptomoedas serão responsáveis pelos princípios de segurança, justiça e eficiência na medida do possível e ajudarão os utilizadores globais a construir um ambiente de transação favorável apoiado por pagamentos digitais", refere a corretora de criptomoedas CoinEx. Reforça que as criptomoedas "não conhecem fronteiras nacionais e os sistemas de liquidação habilitados para blockchain são mais rápidos que o SWIFT".

Mas há alertas e Mário Martins, analista da ActivTrades, salienta que as criptomoedas como qualquer outro produto "só terão viabilidade se servirem um propósito com valor, e como disse Warren Buffet nesta fase não daria 25 cêntimos por todas as criptomoedas do mundo porque não produzem algo, logo dificilmente se justifica um futuro com uma selva de criptomoedas, mas sim moedas oficiais digitais, como o euro ou o US dólar, até porque é inverosímil os governos aceitarem perder uma das principais ferramentas de controlo económico e político, para um sistema descentralizado, o que não invalida que não possam coexistir com algumas stable coins, tokens de empresas ou até uma ou outra criptomoeda como a bitcoin, mas sempre dentro de um espaço de nicho de mercado". Por seu lado. Sebastião Lencastre, ceo da Easypay diz que as criptomoedas controladas como a blockchain "constituem um fator de avanço civilizacional, na medida em que permitem o desenvolvimento mais rápido da inovação ao não estarem dependentes da burocracia intrínseca aos Estados soberanos. As criptomoedas têm sido a resposta da inovação à lenta evolução dos sistemas de pagamentos tradicionais, profundamente condicionados pelas agendas governativas e burocráticas, de que é exemplo o demorado estudo sobre o euro digital". Na mesma linha está Matheus Baeta, Business Development Manager Iberia na iMovo. Diz acreditar que as criptomoedas "estão aqui para ficar, no entanto o crescimento e consequente adoção massiva aos criptoativos estará bastante dependente de legislação e regulamentação, de modo que exista maior confiança por parte de investidores institucionais". ■

iStock

JE TALKS

Parcerias entre banca e 'fintech' "fazem todo o sentido"

Especialistas do sector financeiro e tecnológico têm as atenções viradas para o digital. As opiniões divergem quanto à entrada dos bancos centrais no campeonato das criptomoedas, mas defende-se uma relação estreita com a banca.

JOÃO SANTOS COSTA
jcosta@jornaleconomico.pt

Líderes de *fintech* e plataformas de *trading* encaram o dinheiro físico como um suporte obsoleto. As atenções estão viradas para os produtos digitais, para a inovação das redes de pagamentos e para a entrada das *govcoins* no mercado das criptomoedas - tema que causa divergência. Acima de tudo, o novo sector financeiro tem vontade de trabalhar mais com a banca tradicional, particularmente nos desafios que esta não consegue contornar sozinha.

Matheus Baeta é o primeiro a garantir que "o fim do dinheiro" está para breve, porque "caminhamos diretamente para uma sociedade *cashless*". Quanto ao cartão bancário, que atingiu um novo auge na era do *contactless*, admite que a morte anunciada virá mais tarde: "Eu já não utilizo. É quase como um *backup*", admite o Business Development Manager da iMovo para a Península Ibérica. Já o fundador e CEO da easypay, Sebastião Lancastre, recorda que se deve ao período pandémico muitas das comodidades digitais que hoje utilizamos em massa: "Ninguém queria tocar no dinheiro, ninguém queria tocar nos cartões. Enfim, havia assim uma certa cólera", diz. Contudo, também reconhece "que houve uma ajuda legislativa" que levou a uma extensa adoção dos métodos digitais de pagamento.

Uma outra empresa de pagamentos que marcou presença na mais recente JE Talks foi a Ifthenpay. O co-CEO Filipe Moura, que lamenta um alegado atraso da banca portuguesa em integrar novas e mais eficientes soluções de pagamento, transferência e gestão. "Até há alguns anos, o ato do pagamento era um ato isolado", diz. "Não havia ligação a sistemas. Nem *real-time*: hoje as transferências só no dia seguinte é que estão disponíveis. As transferências instantâneas já deviam estar implementadas", assegura.

Para Filipe Moura, este é apenas um de vários exemplos que justificam o aumento de atividade no ecossistema das *fintech*. "Não faz sentido as coisas estarem separadas", esclarece. "É um motivo pelo qual as *fintech* existem e que estão a prosperar. Os bancos estão a ficar um bocadinho ultrapassados", garante. Lancastre concorda que os bancos "já começam a olhar para as *fintech* como a solução para resolver alguns dos problemas, que não conseguem resolver em tempo útil e internamente (...) Faz todo o sentido fazer aqui parcerias", considera.

O cartão bancário tem os dias contados. A rapidez e comodidade são palavras de ordem para o futuro da nossa relação com o dinheiro físico e digital, dizem líderes das fintech

Sobre as dinâmicas do mercado dos criptoativos e sobre uma possível entrada dos bancos centrais, nomeadamente com a criação do euro digital, Moura revela que não é "um grande entusiasta das criptomoedas" e que olha para o cenário com olhos de "conservador", em parte pela volatilidade que carateriza o mercado em questão e pelas várias questões ambientais que se ligam à mineração das criptomoedas. Questões que o analista da ActivTrades Mário Martins considera que possam "vir a ser um impedimento natural ao crescimento". Martins diz ainda que o problema atual das criptomoedas "é que já não são um ecossistema separado, porque já houve *crash* anteriores de criptoativos que nunca foram transferidos para a economia real".

O CEO da easypay diz que tem "uma opinião completamente diversa" do seu concorrente da Ifthenpay em matéria de criptoativos, em especial à criação das chamadas *govcoins* - criptomoedas emitidas pelos bancos centrais -, pela oportunidade de negócio que estas representam e dá o exemplo da China, que segundo o mesmo "tem a sua [cripto]moeda a funcionar há muito tempo com 170 milhões de utilizadores". A Europa, diz, "vem muito atrasada". Ainda sobre a entrada dos governantes no mercado, é claro: "Venham, venham lá, vamos lá trabalhar com eles".

Por sua vez, Matheus Baeta acredita que aquilo que é mais evidente em matérias de cibersegurança, neste momento, no plano empresarial, é o mesmo que defende ser necessário para as criptomoedas: "É a questão da regulamentação". Regulamentação essa que é já uma possibilidade prevista pelo governo português. Ao contrário de outros do sector, Baeta não estranha a intenção e considera a ação do Executivo "perfeitamente correta". "Aliás, espero que sim, para que entre toda uma nova gama de investidores institucionais". ■

Reveja esta conversa na íntegra na JE TV em jornaleconomico.pt

ENTREVISTA | JOÃO BAPTISTA LEITE | CEO da UNICRE

"Ainda não estou a ver o 'cash' a desaparecer"

João Baptista Leite revela que a Unicre está de olhos postos no 'blockchain' e mostra-se confiante nas suas aplicações práticas. CEO da Unicre diz que já não utiliza dinheiro físico, mas acredita que – por enquanto – ainda se vai manter.

JOÃO SANTOS COSTA
jcosta@jornaleconomico.pt

Foto cedida

Em entrevista ao JE, o CEO da Unicre recorda a aceleração dos produtos digitais, que atribui em grande parte à pandemia, e revela que a empresa já está a investir em *blockchain*, tecnologia para a qual está à procura de casos práticos de aplicação. Quanto ao dinheiro físico, que admite já não usar, não crê que desapareça tão cedo. E mostra-se interessado no euro digital que, nas suas palavras, "está aqui para acontecer".

Os últimos dois anos trouxeram uma alteração aos hábitos dos consumidores, dando origem a novos modelos de negócio onde impera o digital. Têm sentido isso?
Sem dúvida. Está claro que, como país, estávamos relativamente atrasados – há dois ou três anos – face à evolução digital que estava a acontecer no mercado, muito no norte da Europa e em Inglaterra. Fizemos aqui algumas comparações e, de facto, sentíamos que estávamos no caminho certo, a apostar nos sítios certos. Mas sem a aceleração necessária. Estes últimos dois anos foram extraordinários. Este acelerar da evolução da digitalização dos pagamentos em particular foi um salto que nos adiantou, provavelmente, dez anos. Ainda estamos alguns anos atrás, eu diria, do norte da Europa. Mas foi uma evolução bastante grande e viu-se, por exemplo, no caso do *contactless*: em 2019, 15% das nossas transações eram em *contactless* e nem sequer falávamos do tema, independentemente do *forcing* que pudesse haver. Hoje, mais de 70% das nossas transações são, de uma forma natural, *contactless*. (...) Acho que estamos num ascendente desta digitalização que está a acontecer no nosso dia-a-dia. Não só na banca, nos pagamentos, mas também no retalho e mesmo na nossa relação com o Governo ou com a função pública.

Esse salto de que fala, em boa parte, foi dado na pandemia. O encerramento das lojas físicas fez explodir o comércio online - uma realidade que veio a ser validada recentemente por um relatório da ANACOM que revela um aumento do número de compradores online. Não acredita, portanto, que haja o risco de esta tendência se reverter no fim da pandemia?
Não. Aliás, estou claramente convencido que não. Os nossos hábitos mudaram. (...) Naturalmente, estamos aqui com múltiplos segmentos de mercado e com múltiplos segmentos de produtos. Um bom exemplo é a indústria automóvel. Lembro-me do último carro que comprei, há 30 anos. Fui a dez *stands*, visitei o carro e experimentei. Hoje já ninguém faz isso. Os simuladores de construção de carros são feitos em casa. Podemos, eventualmente, ir ao *stand* fazer o último balanço. São hábitos - e a facilidade e a comodidade é tanta que eu acho que está embutida no nosso dia-a-dia. Não há regresso possível.

> "Blockchain "vai ser a tecnologia de suporte a muitos modelos de contratação, gestão de ativos, de identidades. É uma tecnologia que permite esta facilidade, garantia, solidez e segurança"

Mais compras online signficam automaticamente um maior número de agentes económicos no palco digital. Que efeitos é que isso terá na competitividade, na otimização do processo de venda, até na experiência do consumidor?
Mudou a nossa forma de estar. (...) Hoje temos soluções que não necessitam de nenhuma integração tecnológica, chave-na-mão, em que qualquer pequeno comércio não precisa de nenhum conhecimento tecnológico (...) Ajudou o pequeno comércio a posicionar-se no mundo digital, independentemente das soluções (que também temos) de alta complexidade, para os grandes clientes que têm grande sofisticação. Através dos *gateways* dos pagamentos consegue-se fazer integrações de experiência do cliente na sua compra, e depois a racionalização toda do *backoffice*, através de reconciliações fáceis e eficazes de fazer. São exemplos de múltiplos segmentos de clientes, particulares e empresas, que, utilizando estas soluções tecnológicas, conseguem pôr-se a vender e receber com muita eficiência. E com muito eficácia, acima de tudo.

Diria que a alteração da nossa relação com o dinheiro físico, e também digital, com a entrada de criptomoedas nalgumas *wallets*, vai mudar a forma como compramos?
Eu praticamente não utilizo dinheiro [físico]. Vimos os dados estatísticos que o Banco de Portugal publicou há pouco tempo. Eu não estou a ver o *cash* a desaparecer, ainda. Mas temos um trajeto bastante grande a fazer. (...) A introdução das criptomoedas, enfim, com tudo o que as criptomoedas têm – até porque não são reguladas, suportadas, nem protegidas por um *skim* central. Mas claramente, a facilidade de utilização e a introdução destas tecnologias, como o *blockchain*, vai-nos ajudar e facilitar muito na forma como nos relacionamos.

Acha que a entrada em circulação, num futuro próximo, de *govcoins* - criptomoedas emitidas pelos bancos centrais - trará novas dinâmicas ao mercado?
Estou convencidíssimo que sim. Um dos problemas da criptomoeda hoje, sabemos, é a volatilidade, não é? Não permite que se associe a isto nenhuma regulamentação nem sequer colocar um preço nos produtos, porque aquilo varia a qualquer momento. Demos aqui um salto com as *stablecoins*, que já são suportadas em algum modelo de ativos. Mas o trabalho que os bancos centrais têm estado a fazer, ao tentar criar um modelo de euro digital gerido, coordenado e suportado centralmente... eu acho que está aqui para acontecer. A tecnologia existe, portanto agora como é que eu junto isto ao nosso mundo real? Não consigo imaginar quanto tempo [levará], mas percebo que hoje as entidades europeias, em parceria muito com os países, estão a trabalhar afincadamente nisto e vai mudar a forma como nós nos relacionamos com o dinheiro, com as compras e com o *cash*.

Que papel terá o blockchain nas operações e no futuro da Unicre?
Nós estamos à procura de *use-cases*. O investimento ainda é razoável e o *use-case* para a utilização da tecnologia estilo *blockchain*... Existem várias. Nós estamos nesta fase a discutir muitas das possíveis alternativas. Nos próximos meses começaremos então a trazer estes *use-cases* para um caso prático, para as suas implementações. A minha opinião é que vai ser a tecnologia de suporte a muitos modelos de contratação, gestão de ativos, gestão de identidades, porque é uma tecnologia que permite facilidade, garantia, solidez e segurança - que é algo que vamos estar todos à procura. ■

Assista a esta conversa na íntegra na JE TV, em jornaleconomico.pt

FÓRUM

Novos métodos de pagamento obrigam a mais segurança e transparência

O futuro passa pela digitalização de todos os setores e alterações profundas ao nível dos sistemas de pagamento no comércio. E-commerce será dominador, assim como os pagamentos rápidos cross-border.

Como serão feitos os pagamentos no futuro?

SEBASTIÃO LANCASTRE
CEO da Easypay

O utilizador de serviços de pagamento exige constantemente que as operações de pagamento sejam mais simples, instantâneas e gerem melhor informação. Por isso os três vetores ou drivers que influenciarão o presente e o futuro dos chamados pagamentos de retalho são:
- A continuação da desmaterialização desses pagamentos e dos instrumentos usados na sua realização;
-O aperfeiçoamento dos mecanismos e procedimentos que asseguram a segurança das operações, permitindo operações cada vez mais rápidas;
- A transformação da informação das operações de pagamento em informação relevante e útil para o utilizador, deixando de ser informação de mero registo ou estatística e permitindo ao utilizador a gestão eficaz da sua vida.
A Easypay, enquanto operador no ecossistema tradicional do sistema de pagamentos, está dependente e condicionada pelo desenvolvimento das infraestruturas dos sistemas de pagamento no que se refere aos dois primeiros vetores. Por isso tem apostado com sucesso na transformação da informação das operações de pagamento proporcionando aos seus clientes vantagens competitivas nos mercados em que operam.

JOSÉ CARLOS TOMÁS
Departamento de Desenvolvimento de Novos Negócios da euPago

Os pagamentos serão mais digitais, menos em numerário e mais integrados com os softwares de contabilidade, sobretudo nos pagamentos entre empresas que irão evoluir para o e-invoice e para protocolos "request-to-pay". A experiência do utilizador (UX) nos pagamentos em retalho, não será muito diferente da atual porque diversos métodos de pagamento irão continuar a coexistir, mas a infraestrutura que estará por detrás será baseada em protocolos normalizados a nível europeu. As alterações na UX ocorrerão ao nível dos processos de autorização no sentido de aumentar ainda mais a sua segurança.

MATHEUS BAETA
Business Development Manager Iberia na iMovo Limited

O que tem sido observado é um crescimento expressivo na adesão ao movimento cashless, com plataformas que permitam aos seus clientes operações rápidas e simplificadas com ênfase em operações mobile. É preciso notar também que e-commerce estará no centro das atenções nas próximas décadas, especialmente marketplaces, assim é absolutamente fulcral que as empresas sobretudo do retalho (mas não só) desenvolvam uma estratégia sólida de e-commerce. Por fim, pagamentos rápidos ou até mesmo instantâneos em operações cross-border sobretudo em B2B tornar-se-ão uma regra de mercado.

MÁRIO JORGE
Bastonário da Ordem dos Despachantes Oficiais

A tendência a que assistimos levanos a crer que os pagamentos a nível do Comércio Internacional, num futuro próximo serão efetuados unicamente através de plataformas e meios digitais. A crescente digitalização vai dominar todos os setores e é fundamental estarmos preparados para essa realidade. As novas regras do Comércio Internacional estão a implicar alterações profundas, e no futuro, essas regras deverão incluir os novos métodos de pagamento digitais e as necessárias cautelas em termos de segurança e na transparência que implicam.

CARLOS COSTA CRUZ
Head of Marketing & Partnerships da Askblue

É conhecida a tendência para gastar mais dinheiro quando não existe dinheiro físico envolvido numa transação, como notas ou moedas. Os pagamentos eletrónicos, na medida que melhoram a experiência do utilizador final, quer seja através de aplicações móveis (App MB Way), de utilização de wearables com identificação biométrica (Apple Pay no Apple Watch) ou da massificação de terminais de pagamento com contactless para transações de baixo valor reforçam esta tendência. As marcas e o sistema bancário têm, portanto, fortes incentivos para continuar a melhorar estas experiências. Há quem seja da opinião que dinheiro físico terá tendência para desaparecer, por ser menos prático, mas também por questões de segurança. Neste contexto, a disponibilidade crescente de dados de pagamento associados a perfis de utilizador vai permitir que, no futuro, assistentes pessoais (Siri, Google Assistant ou Alexa) comecem por facilitar alguns pagamentos e, mais tarde, realizar mesmo as operações mais críticas autonomamente. Contudo, ainda existe um longo caminho legal e regulatório a percorrer.

LUÍS SALVATERRA
Diretor-Geral da Intrum Portugal

Os pagamentos num futuro próximo serão seguramente diferentes dos que conhecemos hoje. Os pagadores serão mais autónomos e utilizarão mais meios digitais. O telemóvel será a principal ferramenta utilizada, os movimentos serão feitos através de acesso a diversas aplicações onde será efetuado o pagamento. Cada vez mais um ato isolado, em que o pagador não necessitará de interagir com nenhuma outra pessoa.
O futuro será assim, mas não chegará a todos ao mesmo tempo, o grau de literacia digital será determinante. Todas as empresas vão ter que andar a duas ou mais velocidades, dependo do tipo de clientes que têm na sua carteira. Mais digital seguramente, com necessidade de tempo e tendo em atenção com quem interagimos.

JOSÉ CARLOS NUNES
Diretor Central do Departamento de Desenvolvimento e Marketing do novobanco

Mais do que como serão feitos os pagamentos no futuro, porque a disrupção e inovação são terreno fértil e difícil de adivinha r, jugo mais importante e relevante olharmos para as

PUB

O Futuro dos pagamentos passa pela easypay

Sebastião Lancastre
CEO & Founder easypay

Não há qualquer dúvida no que toca à evolução que o digital tem proporcionado à economia e, em concreto, ao setor dos pagamentos. Prova disso é a presença crescente que diversas soluções digitais começam a ganhar no mercado nacional, quer no quotidiano dos consumidores quer das empresas.
Neste domínio, a easypay tem desenvolvido um conjunto de soluções que vêm não só simplificar e responder às tendências atuais do mercado, mas também antecipar as inovações que o futuro reserva. Exemplos disso são: a solução de marketplaces que possibilita a divisão dos fundos por múltiplos comerciantes logo no momento do pagamento utilizando os Split Payments, a solução multi-merchants que permite a um comerciante com vários sub-comerciantes dividir os fundos no momento do pagamento com os sub-comerciantes, e ainda a solução de subscrições easypay, uma ferramenta de gestão de pagamentos recorrentes, que permite aos comerciantes a fidelização dos clientes e ainda o crescimento do negócio pela entrada de receitas regulares.
Na easypay, investimos permanentemente no desenvolvimento das soluções de pagamento que respondam às necessidades atuais do mercado e também antecipando a inovação no futuro. A easypay está a lançar também novos meios de pagamento como o Crédito Online para o e-commerce (parceria com o Santander Consumer Finance), o Universo Flex para os pagamentos parcelados (parceria com a Sonae Financial Services).
Na easypay atuamos e investimos em soluções e meios de pagamento que potenciem o crescimento dos negócios dos nossos clientes.
Estamos, indiscutivelmente, perante uma nova dinâmica no setor dos meios de pagamento, que se verifica não só a nível mundial, mas também em Portugal, e para a qual as fintechs têm tido um contributo fundamental, disponibilizando soluções inovadoras que aportam não só maior comodidade e segurança aos consumidores, mas também potenciam o negócio das empresas.

com o apoio easypay

tendências que vão posicionar esses pagamentos no futuro:
Podemos elencar 6 grandes tendências:

Inclusão e confiança

- Alargamento da base pagamentos a clientes e comerciantes ao mercado mais desenvolvido numa lógica de inclusão (Africa, América Latina e Ásia).
- Foco nos pagamento móveis, através de carteiras virtuais (wallets MBway, Apple Pay,...), QRCodes domésticos com custos casa vez mais baixos.
- Preponderância dos reguladores na regulação das novas soluções de pagamento, nomeadamente moedas digitais.

Moedas digitais

- Alargamento dos pilotos de moedas digitais por parte dos bancos centrais.
- Atenção regulatória crescente por parte dos bancos centrais ao volume das moedas digitais.
- Desenvolvimento de Fiat-cryptocurrencies.

Carteiras digitais

- Crescimento acentuado de pagamentos através de wallets digitais diminuindo significativamente a transação em cash.
- Proliferação do pagamento por QRCode.
- Migração do cartão físico para, cartão em wallets para desmaterialização total do cartão digital.
- B2B eletrónico e digitalização das cadeias de pagmentos.

Concorrências nos rails de pagamento

- Concorrência acelerada entre os "rails" de contas, rails de cartões e futuros rails de wallets suportados pelo Open Banking.
- Migração do "card-age" para "wallet-age".

Pagamentos cross-border

- Proliferação de soluções instantâneas de baixo custo.
- Standardização dos pagamento cross-border interconectados com os pagamentos domésticos.

Fraude

- Preocupação crescente com segurança das transações com a adoção crescente do open banking em ligação aos pagamentos.

MÁRIO MARTINS
Analista da ActivTrades

Os pagamentos terão tendência a ser cada vez mais digitais e dentro do binómio "seamless" e "wireless", utilizando diversas tecnologias já hoje disponíveis, algumas em fase embrionária outras já de massificação, como o Near Field Communication (NFC) e o reconhecimento biométrico entre outras, através de dispositivos tecnológicos como os smartphones, smart watches ou chips implantados no corpo, reduzindo progressivamente o dinheiro e cartões físicos.

MIGUEL SIMÕES
Diretor de Serviços Financeiros na Minsait em Portugal

Presentemente, vivemos uma evolução sem precedentes na indústria de meios de pagamento, que acredito perdurará num futuro próximo, e que tem vindo a ser exponenciada pela combinação de uma multitude de fatores: a digitalização de processos; a inovação tecnológica; a modificação das preferências dos consumidores; a alteração do contexto legal e regulamentar; e o surgimento de novos agentes de mercado, num contexto de crescente concorrência. No futuro perspetiva-se o aumento, em número e prevalência, dos meios de pagamento digital, rumo a uma sociedade com uma menor dependência dos pagamentos em numerário ou de outras formas de pagamento material (e.g. cartões físicos), na qual conviverão, em simultâneo, distintas formas de pagamento digital. No que diz respeito às transações em terminais de ponto de venda, perspetiva-se um incremento da adoção das tecnologias de pagamento sem contacto (contactless), designadamente através da utilização de tecnologia NFC, QR Code, ou outras tecnologias alternativas emergentes. A rede de terminais prosseguirá o seu caminho de evolução, designadamente através do aumento da sua capilaridade e da crescente aceitação de schemes internacionais de pagamento. No domínio do comércio eletrónico, a pandemia impulsionou, de forma substancial e irreversível, a tendência de utilização deste canal. Fatores como a experiência de cliente, a celeridade do processo de checkout, a aceitação de múltiplas formas de pagamento (e.g. cartões, e-wallets, transferências bancárias, buy now pay later), a orquestração de distintos gateways de pagamento e a segurança preventiva, preditiva e prescritiva serão determinantes para moldar o seu futuro.

FILIPE MOURA
Co-CEO na Ifthenpay

Os pagamentos no futuro serão feitos essencialmente de forma automática, onde o consumidor praticamente não terá esforço, nem gastará tempo, a pagar. No consumo, o processo das lojas inteligentes como a Amazon já tem, que consegue fazer a identificação do consumidor apenas por aproximação do smartphone e dos produtos que estão a sair da loja, com a cobrança bancária automática ao consumidor, são o presente e o futuro das lojas a retalho. Se bem analisarmos, reduz custos e aumenta benefícios, por isso, vai acontecer. Nos pagamentos à distância, a tendência também é para o automatismo, onde a instrução de recorrência de pagamento é dada uma vez, e fica em curso. A dinâmica de eventual financiamento ficará a cargo do banco de forma automática, com plafonds autorizados e comunicados previamente aos clientes.

COINEX

Os pagamentos online são baseados em contas bancárias, no entanto, há que salientar que, segundo o Banco Mundial, mais de 1700 milhões de pessoas no mundo não têm conta bancária, o que significa que esses indivíduos não podem usar cartões de crédito para pagamentos online. Também por isso é difícil para essas pessoas usarem plataformas de pagamento online como o PayPal. Além dos pagamentos online, os pagamentos internacionais também são um desafio. As estatísticas relevantes indicam que as remessas globais anuais atingiram 650 milhões de milhão de US dólares, e o custo médio é de 6%. Embora a SWIFT tenha tentado tornar a transferência internacional de fundos mais eficiente, todos os pagamentos internacionais ainda envolvem a conversão de uma moeda soberana em outra, porque há um grande número de moedas fiduciárias no mundo. Como essas conversões envolvem inúmeros processos, muitos indivíduos e empresas ainda precisam pagar taxas de transação caras e arcar com enormes custos de oportunidade ao fazer pagamentos internacionais. Portanto, os métodos de pagamento futuros devem ser capazes de resolver esses dois problemas, conceder a todos acesso fácil a pagamentos online e permitir pagamentos transfronteiriços baratos e eficientes. E as criptomoedas e a blockchain oferecem uma solução decente para esses problemas.

PEDRO PEREIRA
Managing Director & Partner da BCG

É inequívoca a tendência global de desmaterialização dos pagamentos, que deverão tornar-se cada vez mais simples mantendo-se, em simultâneo, seguros e de confiança. Nesse sentido, é expectável que a indústria de pagamentos mantenha o ritmo acentuado de inovação e crescimento da última década. Esta tendência deverá por um lado gerar disrupção, mas a prazo reforçar a consolidação e controlo de uma cadeia de valor tipicamente dominada por grandes players. Num contexto em que o set-up tecnológico da indústria está a ser reconfigurado e a fronteira entre pagamentos e plataformas de negócio (e.g. transportes, entretenimento) se torna mais difusa, a capacidade de inovação e estabelecimento de parcerias será fundamental para ser bem-sucedido.

JOÃO PAULO GONÇALVES
Head of Customer Experience & B2C Cetelem

À medida que a literacia financeira e digital evolui, e aprofundando a integração da nova diretiva europeia de pagamentos (SEPA), aumentam os incentivos à inovação e à liberalização do mercado, que têm conduzido ao surgimento de novas formas de pagamento baseadas em instrumentos desmaterializados. Os meios tradicionais físicos terão cada vez mais concorrência, com o aparecimento de soluções baseadas em SEPA, permitindo pagamentos diretamente de contas à ordem ou de linhas de crédito utilizando o IBAN com diferentes modalidades tanto a débito como a crédito. Isto significa que a linha entre pagamentos e crédito está a tornar-se cada vez mais tênue. A jornada do cliente pode, por exemplo, começar com um pagamento de curta duração até três vezes e depois optar por um crédito de duração mais longa.

Próxima paragem da disrupção tecnológica

Os bancos centrais e os supervisores terão um papel preponderante numa fase de disrupção tecnológica, a forma como irão lidar com o cenário de um novo mundo será fulcral nas tecnologias que irão vingar, não podendo ser demasiado permissivos, devido ao risco de perderem parte do controlo de um sistema fundamental para a economia global, tendo em conta as possibilidades para um aproveitamento sem escrúpulos de alguns intervenientes privados ou estatais que a tecnologia já hoje permite, ao mesmo tempo que não poderão ser demasiado restritivo ou lentos, arriscando nesse caso a atrasar o progresso necessário para uma economia mais global e eficiente, da qual os pagamentos e transferências são peça chave.

Neste sentido com quase toda a certeza as "gov-coins" serão uma arma importante no arsenal dos governos e dos reguladores com estas a poderem vir a ter um peso considerável no mercado, desde logo pelo poder económico e político global que o controlo de uma moeda permite.

Em relação à iniciativa privada os mais inovadores irão puxar pelo barco da disrupção, enquanto que os privados estabelecidos, usualmente mais lentos na adoção de novas tecnologias, irão oferecer resistência, ainda que por detrás do pano mediático.

A disrupção tecnológica no sector financeiro abre oportunidades a novos intervenientes num mercado que era tradicionalmente muito fechado, cabendo aos incumbentes escolherem o seu destino, ou entram no tabuleiro de jogo a sério ou correm o risco de verem boa parte dos seus negócios roubados pelas fintechs.

com o apoio ACTIVTRADES